

O ESPAÇO DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DO ESPAÇO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VISÃO ESPACIAL NAS PESQUISAS SOCIAIS E HISTÓRICAS

Jörn Seemann¹

RESUMO

Apesar de um número considerável de publicações sobre a memória, sua relação com o espaço continua sendo um tema negligenciado nas ciências humanas. A Geografia pode dar uma contribuição valiosa para trabalhar com o espaço e a memória simultaneamente a partir de duas abordagens: o mapa como ponto de partida para lembrar acontecimentos do passado e a espacialização da memória através da elaboração de desenhos espaciais que podem servir como narrativas.

Palavras-chave: Geografia. Mapas. Memória. Pesquisa histórica.

ABSTRACT

In spite of a considerable number of publications about memory, its relation with space continues a neglected theme in humanities. Geography could make an important contribution to simultaneous research on space and memory departing from two approaches: the map as a starting point to recall events from the past and the spatialization of memory by working out spatial drawings that could serve as narratives.

Key-words: Geography. Maps. Memory. Historical research.

INTRODUÇÃO

O termo memória possui uma grande variedade de definições. Ao consultar um dicionário comum, memória define-se como faculdade de lembrar, reter impressões e idéias; lembrança; recordação; reminiscência (LUFT, 1991, p.416). Embora ela seja uma construção mental bastante abstrata, quase inacessível e volátil, já que não é possível “entrar” na cabeça de uma pessoa, a memória representa um recurso muito importante (e também problemático) para as pesquisas: importante por ser uma fonte preciosa de impressões, registros, pontos de vistas, perspectivas com aura de uma “caixa de Pandora” (não sabemos o que nos espera quando a abrimos); problemático pelo seu acesso, sua subjetividade e sua manipulação, levando-se em conta que a “macro-história oficial” funciona como “um grande gravador” que modela o passado à sua própria imagem (THOMPSON, 1998, p.23). Essa memória coletiva nacional se define pelo seu “caráter destruidor, uniformizador e opressor” (POLLAK, 1989, p.4) e talvez seja o destino (in)evitável da sociedade capitalista que “destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa” (CHAUÍ, 1994, p.18). A tensão entre a memória coletiva e a memória individual representa um tema-chave nas ciências sociais. Enquanto os autores clássicos do positivismo francês, como Bergson (1999) e Halbwachs (1990), enfatizam a força quase institucional da memória, “longe de ver nessa memória uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica” (POLLAK, 1989, p.3), autores como Thompson (1998) e Bosi (1994) se ocupam com a memória individual com base na história oral das pessoas, que

¹ Departamento de Geociências, Universidade Regional do Cariri (URCA), e-mail: sailorman@gmx.net

muitas vezes é relegada a “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p.4) de culturas minoritárias, dominadas ou sem vez ou voz na sociedade.

O crescente interesse acadêmico pelas identidades culturais e pelo resgate e a reconstrução do passado fazem com que as pesquisas sobre a memória se tornem um tema interdisciplinar predileto nos campos da Sociologia, Antropologia e Psicologia (por exemplo, PIETREFESA DE GODOI, 1999; BARRENECHEA; GONDAR, 2003) para preservar a memória e “salvar o esquecimento”, levando-se em conta que o Brasil frequentemente é acusado de ser um país sem memória, “onde o esquecimento é a vala comum em que repousam episódios e personagens, atores e ações” (FERREIRA, 1996, p.130). No campo da Geografia, a memória pode se integrar na metodologia da pesquisa de campo para interpretar a dimensão cultural das paisagens rurais (SANTOS, 2003) ou para retratar a luta das Ligas Camponesas no passado (LINS, 2000), mas também pode se manifestar no simbolismo da paisagem (SCHAMA, 1996) ou na dimensão histórico-cultural da toponímia brasileira (SEEMANN, 2003).

Embora a memória seja basicamente um processo interno, a sua projeção não se realiza em um vazio: a memória precisa de espaço para ser ativada e estimulada. Neste sentido, lugares concretos, onde se realizam eventos, acontecimentos históricos ou práticas cotidianas, e representações visuais (mapas ou fotos) e não visuais (literatura, música) podem servir como possíveis referenciais espaciais para a memória.

O objetivo deste ensaio é mostrar aspectos da espacialidade da memória, indicar a possível contribuição e relevância da visão espacial nas ciências humanas e apontar alguns caminhos metodológicos para sua utilização nas pesquisas.

Para esta finalidade, torna-se necessário discutir a relação entre memória e espaço para mostrar a memória do espaço. Duas abordagens serão apresentadas: o mapa como representação “oficial” do espaço e o “espaço da memória”, mediante o registro da carga espacial da memória. Por um lado, o mapa pode ser o ponto de partida para lembrar fatos e acontecimentos do passado, por outro lado, ele também pode ser o ponto final, quando ele se torna uma “narrativa” (MONMONIER, 1993), principalmente através dos “mapas mentais” que uma pessoa gera para reconstruir o seu passado no tempo e no espaço.

MEMÓRIA E ESPAÇO

Tendências recentes nas ciências humanas mostram uma “reafirmação do espaço na teoria social crítica” (SOJA, 1993) ou, como observa Santos (2000, p.194), “o espaço parece, pois, transformar-se no modo privilegiado de pensar e agir”, ganhando “cada vez mais importância e centralidade analíticas”.

Apesar da onipresença do espaço, as ciências humanas ainda não exploraram muito bem o potencial da Geografia nas suas pesquisas, julgando-a superficial e indefinida, porque o conceito-chave da Geografia, o espaço, até os dias atuais continua sendo um termo muito ambíguo, sujeito a diferentes interpretações. Muitas vezes o espaço é visto como espaço externo e absoluto, e não como associado ao mundo humano, como no caso dos conceitos de cultura, sociedade ou mente, e apenas aparece nas pesquisas no seu sentido metafórico, quando os pesquisadores falam da “Cartografia do Desejo” (GUATTARI; ROLNIK, 1999), das “Cartografias da Cultura e da Violência” (DIÓGENES, 1998) ou das “Cartografias do trabalho docente” (GERALDI; FIORENTINI; PEREIRA, 1998).

Soja (1993, p.8) constata a negligência do espaço em detrimento de um “historicismo carcerário” que ignora que o tempo é apenas uma das três dimensões básicas e formadoras da existência humana, ao lado do espaço e do ser. As pesquisas sociais não se restringem a uma ordem exclusivamente cronológica, mas alimentam-se de tempo e espaço, história e geografia, período e região e sucessão e simultaneidade (*ibid.*). Desta maneira, o casamento entre espaço e tempo representa um desafio metodológico, por tentar combinar uma estrutura cronológica com outra, espacial, e pode gerar procedimentos alternativos para estimular lembranças do passado.

Quanto a esta visão espacial, pode-se ir mais longe, dizendo que as pessoas deviam fazer a sua geografia antes de fazer sua história, levando-se em conta que as práticas sociais são, na sua grande maioria, espaciais. Neste sentido, Werlen (1993, p.241) propõe uma Geografia sem o

espaço como objeto de estudo. O ponto de partida desta proposta seria a idéia de que os seres humanos não apenas estão produzindo a sua própria História, mas também a sua própria Geografia. A tarefa principal seria investigar as diferentes condições e formas deste “fazer geografia”, resultante das diferentes ações humanas individuais e coletivas.

Halbwachs (1990, p.143), que trabalhou a questão da memória coletiva, afirma que “o espaço é uma realidade que dura”. Para recuperar nosso passado, precisamos ver o “meio material” que nos cerca e onde a memória se conserva. O espaço, ou melhor “nosso espaço”, é “aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (*ibid.*).

O espaço, portanto, deve ser compreendido não como categoria-estaque (“tudo é espaço”), mas através de categorias geográficas menos vagas e mais “sensíveis” como lugar, paisagem e território, que estão estreitamente ligadas à memória e também à identidade.

Pensar no lugar significa criar vínculos mais afetivos e subjetivos do que racionais e objetivos entre as pessoas e o espaço no passado e no presente, como, por exemplo, mostrado no trabalho de Tuan (1980) sobre atitudes e valores das pessoas em relação ao meio ambiente.

Paisagem, nas palavras do geógrafo inglês Denis Cosgrove (1998), não é meramente o mundo que nós vemos; ela é uma construção, uma composição deste mundo, um modo de ver o mundo.

O território mostra que a compreensão dos lugares e das paisagens não se realiza sem limites e limitações propostas, opostas ou impostas pelos homens. Como exemplos podem servir as territorialidades das gangues e galeras urbanas como *loci* de disputas, confrontos e delimitações de posses (DIÓGENES, 1998) ou a história da ocupação das terras e a respectiva divisão das roças pelos camponeses (PIETRAFESA DE GODOI, 1999).

Além das categorias geográficas, também precisa ser enfatizado que a relação entre memória e espaço também se apresenta em diferentes escalas, desde a visão individual de uma alfabetizadora em uma pequena comunidade (SEEMANN, 2002) até o significado simbólico de lugares históricos, para manter uma identidade nacional positiva e distinta e transmitir um sentido de continuidade com o passado (DEVINE-WRIGHT; LYONS, 1997). Vale salientar que nas pesquisas sobre a memória, tanto as pessoas quanto os lugares precisam ser contemplados na investigação, pelo fato de estarem intimamente entrelaçados. Ao mesmo tempo, o espaço, como lugar das coisas, constitui um sistema coerente de imagens coletivas, no qual todos os procedimentos do grupo podem se traduzir em termos espaciais. Assim sendo, “cada aspecto, cada detalhe dos lugares, possui um sentido inteligível somente para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço por ele ocupadas passaram a se constituir em pontos de marcação de um tempo por ele vivido” (PIETRAFESA DE GODOI, 1999, p.113).

Diante da complexidade das relações entre o espaço e a memória, este artigo apenas tratará de um segmento da espacialidade, dando ênfase na representação do espaço (mapas e mapeamentos) para discutir os laços estreitos entre memória, espaço e tempo.

MAPAS E MEMÓRIA

Tudo o que pode ser espacialmente concebido, também pode ser cartografado. Monmonier (1993, p.3) afirma que os mapas têm uma posição importante nas publicações acadêmicas: “Historiadores, sociólogos, cientistas humanos e sociais freqüentemente escrevem sobre territórios e vizinhanças, sobre disputas globais e conflitos locais e sobre causas e correlações incluindo diferenças de áreas, agrupamentos regionais ou outras configurações espaciais”. O texto descritivo, apesar da sua força de descrever, explicar e discutir fontes, acontecimentos, argumentos e metodologias, apenas representa uma estrutura linear com a sua seqüência unidimensional de frases, o que pode ser “penosamente insuficiente para discutir sobre lugares, regiões e relações espaciais” (MONMONIER, 1993, p.18). Daí a necessidade de se organizarem as informações em duas dimensões, isto é, em forma de mapas.

A realidade, portanto, mostra que os cientistas não estão explorando todo o potencial da cartografia, seja por falta de recursos (instrumentos e apoio financeiro), habilidades ou de

confiança em si mesmos ou pela tradição das ciências sociais de não querer usar mapas nas suas publicações (*ibid.*, p.8). Conseqüentemente, os pesquisadores não sabem o suficiente sobre mapas, sua confecção e leitura ou até ignoram o potencial analítico e expositivo deles. Em resumo, mapas não estão sendo tratados como parte importante de um trabalho acadêmico criativo, mas parecem ser feitos pelos “outros”, muitas vezes desenhistas terceirizados que foram contratados para e pagos pelo serviço, e que, às vezes, nem possuem uma idéia sobre os conteúdos da pesquisa para a qual produzem o mapa.

Em seguida serão apresentadas algumas estratégias para valorizar a visão espacial e fomentar a utilização de mapas nas pesquisas sociais. Basicamente, trata-se de duas abordagens diferentes: a memória como ponto de partida para espacializar informações e a representação do espaço para estimular a memória.

A MEMÓRIA DO ESPAÇO

As técnicas mais comuns para se trabalhar com a memória são a entrevista, a história de vida e a história oral. Portanto, o registro desses relatos não deve se restringir ao ambiente acolhedor da sala de estar, porque muitas lembranças encontram-se “lá fora”, na rua, na fazenda, na vizinhança, no bairro – afinal, no espaço.

Até parece paradoxo que um pesquisador que está querendo reconstruir acontecimentos do passado das pessoas se apóie quase exclusivamente nos relatos verbais e escritos de fontes secundárias, sem visitar o próprio lugar onde aconteceram esses fatos. A espacialização dessas informações poderia estimular as lembranças e a imaginação das pessoas que teriam uma oportunidade de reviver o seu passado.

Onde não for possível revisitar os lugares do passado, poderia ser usado o recurso do mapa. Através de um exemplo concreto, será mostrado de que maneira uma leitura gráfica de informações históricas pode ser uma ajuda para a memória das pessoas.

Em uma publicação abrangente sobre o Cariri cearense, da qual extraí uma longa citação, Pinheiro (1950, p.82) descreve o centro da cidade de Crato em meados do século XIX:

De cem anos para cá, se foram estendendo as lojas de fazendas e mercadorias pelos quarteirões da **Rua Grande**, agora **João Pessoa**, entre as atuais praças **Siqueira Campos** e **Juarez Távora**. Podem elevar-se, apenas, a uma dúzia as casas de família ali hoje existentes.

Há uns 90 anos, na **Rua do Fogo**, que agora é chamada **Senador Pompeu**, em frente da **Cadeia Pública**, fundou Araújo Candeia uma loja mui afamada, que viveu até os fins do século passado. Nessa rua, paralela à João Pessoa, entre as praças acima nomeadas, estão sendo substituídas, aos poucos, as casas de famílias por armazéns de gêneros de exportação, mamona, algodão, rapaduras, o por mercearias, padarias etc.

Perto da **Estação da Estrada de Ferro**, situada na **Praça Francisco Sá**, construíram-se, nesses últimos tempos, vários armazéns, em que se compram e vendem não só os gêneros de exportação, há pouco citados, mas também *espichados* (couros de boi), peles de cabra etc.

À **Travessa da Califórnia**, hoje **Rua Bárbara de Alencar**, na sua extremidade poente, perto do **Rio [Grangeiro]**, até bem pouco, negociavam-se, igualmente, espichados. Quem por ali passasse, veria a secarem no sol, ao chão, couros envenenados com sabão arsenical.

Essa travessa, que vai do **Alto do Seminário** ao do **Barro Vermelho**, compunha-se, inda no princípio deste século, apenas de quatro quarteirões, com a singularidade de cada um, aí pela era de 50, ter tido sua denominação própria.

Do poente para o nascente chamavam-se, respectivamente, **Travessas do Crespo, da Palma, da Califórnia e da Ponte**. Morria na **Rua da Vala**, atualmente **Tristão Gonçalves**. (p.82, itálico e divisão dos parágrafos no original, ênfase em negrito por minha autoria).

Este longo trecho da descrição do comércio do centro de Crato representa uma mera lista de nomes de rua semelhante à leitura monótona de uma tabela extensa. O espaço descrito, portanto, pode se tornar bem mais concreto e imaginável se as informações forem transferidas para uma planta da cidade. Esse “mapa de rota” é superior à mera descrição por palavras e “pode ajudar os cientistas sociais a evitar descrições verbais letalmente tediosas de itinerários e redes e pode apresentar o leitor com uma informação logicamente organizada e prontamente acessível” (MONMONIER, 1993, p.80-81).

A Figura 1 mostra um recorte da planta do centro de Crato (com base nos levantamentos cartográficos do PROURB-CE), com as denominações históricas e atuais das ruas e localidades, de acordo com o texto acima mencionado. Essa espacialização (e, ao mesmo tempo, visualização) é um ajuda para a memória, tanto para quem não conhece o lugar, quanto para os habitantes. No primeiro caso, ajuda a revelar uma determinada distribuição espacial do comércio, com todos os odores (rapadura, pão etc.) e fedores (couros de boi, peles de cabra etc.). No segundo caso, essa planta elaborada é apenas um ponto de partida ou “mapa mudo” para outras plantas e um estímulo tremendo para a memória, porque permite acrescentar informações que jamais serão registradas nos mapas oficiais. Para uma pesquisa histórica ou sociológica, cada referência espacial (ruas, praças, rios) representa uma referência para a memória, porque as pessoas entrevistadas vão associar esse referencial não apenas às casas e ao comércio, mas também às pessoas. Cada lugar, de fato, tem uma ou mais histórias para contar, isto é, eles estimulam a memória das pessoas. Desta maneira, essa planta “improvisada” exerce a função de reconstruir não apenas ambientes do passado, mas também histórias do passado. Parece que a “voz do passado” (Thompson, 1998) fica ressoando em cada esquina da cidade. A tarefa principal do pesquisador é catar essas “vozes” e trabalhar com a planta como técnica de pesquisa para registrar informações espaciais e seus laços estreitos com as pessoas.

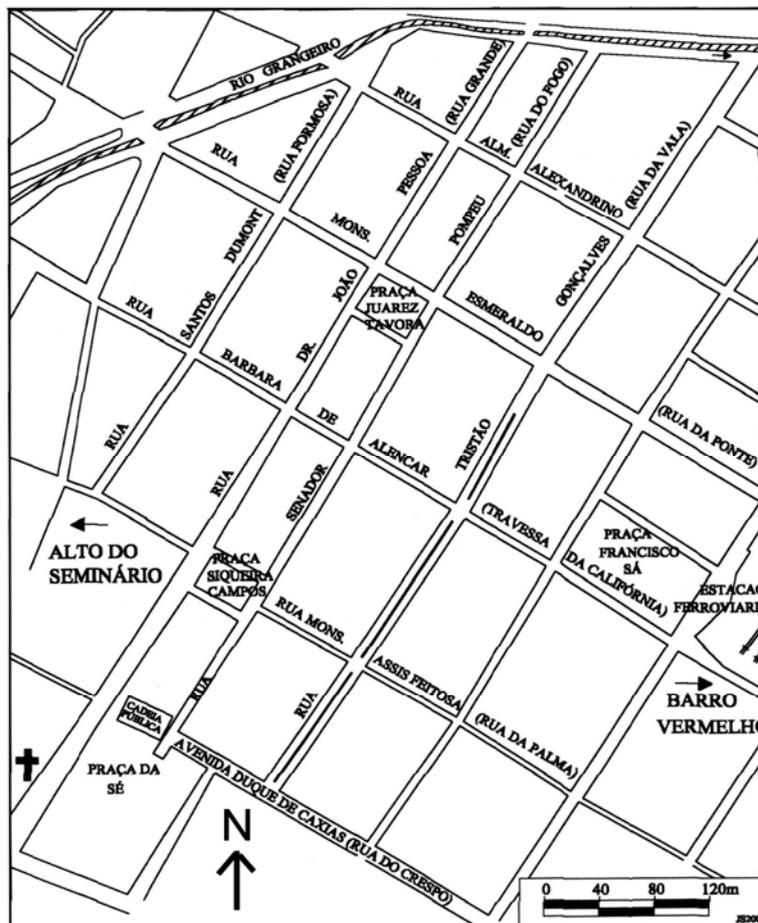


Figura 10 - Planta do centro de Crato (CE) com nomes de ruas antigos e atuais.

Em vez de recorrer a relatos históricos de fontes secundárias, a entrevista ou história de vida de uma pessoa pode servir como base para o mapeamento de lugares, que por sua vez não deve ser visto como apenas uma prova material que o pesquisador eventualmente chega a anexar ao seu trabalho, mas como um meio de comunicação em forma de representação (carto)gráfica que precisa ser mostrado, discutido, questionado e modificado em um diálogo contínuo entre as pessoas.

Samuel (s.d., apud Thompson, 1998, p.239-240) argumenta em favor de um remapeamento da história de comunidades locais:

Pode-se então estudar a topografia moral de uma aldeia ou pequena cidade, com a mesma precisão que os predecessores deram ao Ordnance Survey [serviço cartográfico do governo britânico], acompanhando os altos e baixos do ambiente social bem como as fronteiras do distrito, caminhando pelos corredores escuros e pelas passagens semi-ocultas tanto quanto pelas ruas regulares. Ao reconstituir o itinerário de uma criança setenta anos atrás, o historiador topará como a fronteiras invisíveis que separavam, em dada rua, a extremidade mais simples da extremidade respeitável, as casa da frente das do fundo, o espaço dos meninos do das meninas. Acompanhando o traçado do pavimento chegar-se-á a um espaço que era utilizado para os carrinhos, outros para a amarelinha, o terceiro para “pular sela” ou para jogar da péla.

Diferente da opinião comum, que mapas são estáticos e representam apenas um dado momento, eles também permitem a representação de narrativas históricas de curta ou longa duração (MONMONIER, 1993, p.204), como, por exemplo, os itinerários das quatro expedições das tropas republicanas para a Canudos de Antônio Conselheiro e as estratégias e fases importantes das batalhas ou o percurso da última corrida de Ayrton Senna nas curvas de Ímola. No primeiro caso, um relato histórico da guerra (por exemplo, “Os Sertões” de Euclides da Cunha) serviria para espacializar as informações sobre acampamentos, localidades e a movimentação das tropas; no segundo caso, uma fita de vídeo da transmissão na televisão ajudaria para reconstruir todas as curvas da corrida até o acidente. Desta maneira, torna-se possível lembrar até fatos que não faziam parte da experiência direta das pessoas.

O ESPAÇO DA MEMÓRIA

No contexto da memória, mapas representam muito mais do que um conjunto abstrato de pontos, linhas e áreas em uma folha de papel. Como observam Muehrcke e Muehrcke (1974, p.323), “visualmente os mapas trazem à mente um mundo multidimensional, contendo objetos e até emoções não percebidas diretamente na folha de papel”. Essas observações vão além da escala do mapa, que determina o tipo e o detalhamento das informações nele contidas, porque devido à imaginação espacial das pessoas, “o mesmo mapa pode desenvolver coisas tão grandes como montanhas e rios e coisas tão pequenas como o ‘olho de um cervo’ ou uma ‘única pedra’ ” (*ibid.*).

O mapa nunca é o ponto final, mas um estímulo muito poderoso para a memória e a construção da identidade. Desta maneira, uma carta topográfica ou uma planta urbana podem se tornar parte da vida de uma pessoa que, na leitura de um mapa, não apenas “localiza” lugares ou “se orienta”, mas também chega a reconhecer localidades, percursos, casas de amigos, lembranças etc. (SEEMANN, 2002).

Harley (1987, p.18) observa que o mapa é como um livro conhecido ou um álbum de família, e o leitor é capaz de ler o mapa como um texto com um significado, porque ele traz ao olho da mente paisagens, eventos e pessoas do próprio passado, envolvendo a própria identidade na representação. Ou em outras palavras, “mapas são uma rica fonte de história pessoal, e eles dão um conjunto de coordenadas para o mapa da memória” (*ibid.*). Muehrcke e Muehrcke (1974) afirmam que cada leitor de mapas inclui no mapa o que ele já experimentou. Assim sendo, quantos fatos o leitor tirar do mapa, vai depender de quantos fatos pessoais ele trará para a leitura dele.

A Figura 2 serve como exemplo para ilustrar o potencial do mapa para aguçar a nossa percepção e estimular a nossa memória espacial. Trata-se de um recorte da Folha 2424 (Wedel) da Carta Topográfica 1:25000 de Schleswig-Holstein (Alemanha) de 1978. Neste pequeno segmento localizam-se as casas dos meus pais (1) e da minha avó (2) ao lado de uma madeireira não muito organizada (3). Moramos perto de um riacho (4) que é afluente do maior rio do Norte da Alemanha (Elba). Quando criança, andava muito em cima do dique (5) que nos protegia das águas do riacho. Seguindo esse caminho por cerca de meio quilômetro, dobrei à direita, onde fica o prédio da escola (6) onde estudei entre 1974 e 1978. O oval ao sul do prédio é o campo de futebol (7), de saibro, onde defendia as cores do time local. Quase todas as casas do bairro ao norte da escola (8) não existiam naquela época, e a marginal (9) para contornar o povoado Estebrügge (10), com suas ruas estreitas de paralelepípedo, apenas foi concluída em meados dos anos 70, completando seu trajeto pelas plantações de maçã (11), com seus inúmeros canais de drenagem (indicados por finas linhas retas). Em vez de dobrar à esquerda para a escola, eu também poderia seguir em frente para visitar o centro do povoado. À esquerda encontra-se a ponte dobrável (12) sobre o riacho, à direita há o acesso à igreja da vila, uma construção antiga muito grande e de madeira (13). Atrás da igreja, entre algumas árvores majestosas (14), encontra-se o cemitério (15) onde jazem meu avô (que não conheci, porque morreu na Segunda Guerra Mundial) e minha avó.

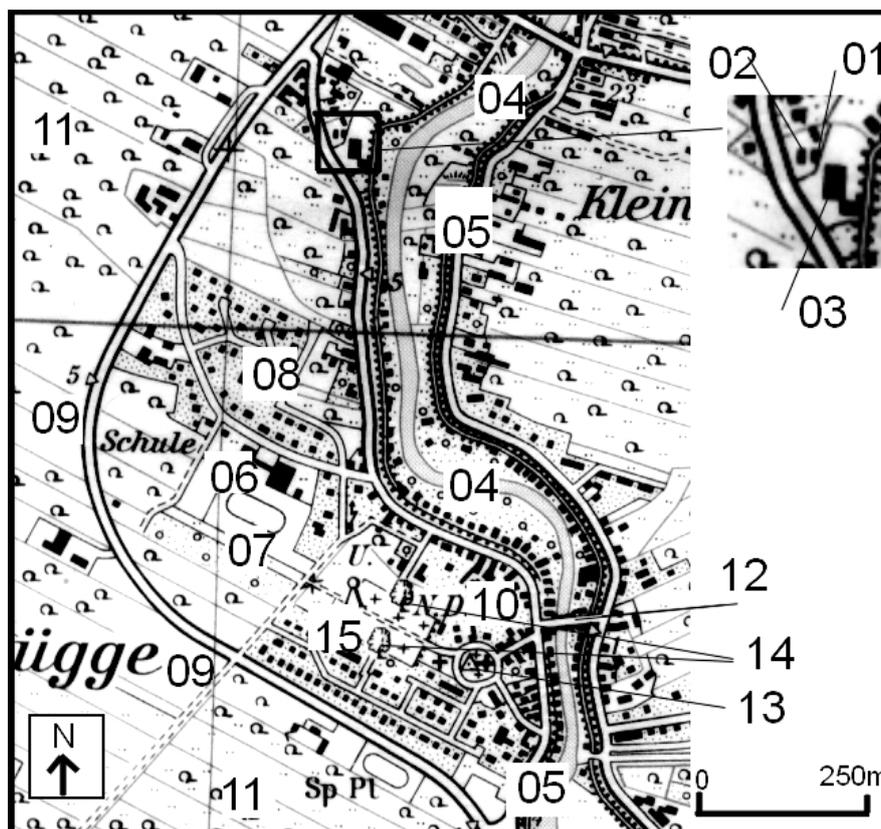


Figura 2 - O mapa como biografia

Se analisasse a folha inteira da carta topográfica, provavelmente escreveria uma biografia espacial completa da minha infância. Daí a validade da afirmação de Harley (1987, p.18): os mapas existem para serem lidos como história pessoal, sendo uma afirmação de que “eu ainda pertenço”.

O mapeamento, *per se*, também pode ser o ponto de partida para pesquisas. Sem recorrer a mapas ou plantas oficiais da área da pesquisa, seja bairro, escola, sala de aula etc. (que muitas vezes não são acessíveis ou nem existem), torna-se necessário criar esses mapas. Ao percorrer o

ambiente do estudo, as lembranças “ganham pernas” e podem se tornar informações concretas: em vez de apenas falar de um lugar, vive-se esse lugar, fundindo as práticas no cotidiano com o comportamento no espaço, porque, como afirma De Certeau (1996, p.189):

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade dos outros, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Desta maneira, o lugar se torna um referencial para a memória. As casas e paisagens têm histórias para contar e podem ser associadas a pessoas e acontecimentos.

Um outro exemplo é uma experiência prática da minha autoria (Seemann, 2002), que realizei junto com uma alfabetizadora que, nas décadas de 60 e 70, “subia nos morros” da zona portuária de Fortaleza para alfabetizar e dar aulas de catequese para as crianças de uma comunidade de pescadores. Para obter informações mais concretas sobre a alfabetização nos morros naquela época, já que as lembranças concretas sobre o espaço ficaram muito “pálidas”, foram utilizadas fotografias aéreas oblíquas dos anos 70 e uma planta atual do lugar, que serviam tanto para reconstruir o caminho da casa da alfabetizadora até a escola, quanto para evocar outras lembranças (casas de amigos, parentes, alunos, paisagem etc.) e comparar o passado com o presente, entre o bairro popular dos pescadores e estivadores, com suas casas modestas, da falta de água, da infestação com o bicho-de-pé, até o bairro atual, com sua especulação imobiliária desenfreada, das invasões, da marginalidade. Paralelamente, foi simulada a subida ao morro com várias paradas espontâneas, nas quais a alfabetizadora associou os locais aos seus ex-alunos e suas famílias, abrindo o caminho para explorar a memória e os relatos das pessoas mencionadas, formando assim uma “rede de memórias”.

O ponto final desta experiência de campo foi a sala onde a alfabetizadora tinha realizado as aulas. Uma moradora tinha cedido um quarto para a turma de alfabetização e o alpendre da sua casa para as aulas de catequese. A sala de aula (sem quadro negro, apenas com uma mesa grande) dava lugar para 20 alunos que trouxeram as cadeiras de casa. Conforme o relato da própria alfabetizadora,

a casa da Dona Perpétua tinha um alpendre muito bom na frente, arejado, com calçada alta que dava para as crianças sentar ali. Aí tinha a sala, a sala era grande, depois um quarto, corredor, cozinha e, bem grande, o quintal (quando te mostrei onde tem as vacas). Era a casa dela mesma [Dona Perpétua]. Ela tinha um prazer muito grande, ensinei a filhinha dela, lourinha, deste tamanho. Foi muito bom...

A Figura 3 mostra o desenho do terreno da casa segundo a memória da alfabetizadora. Depois de quase trinta anos, portanto, não sobraram muitos vestígios do passado. Atualmente, a casa é um sobrado em construção (ou melhor dizer, em permanente reforma) onde funciona uma pequena venda de confecções e um salão unissex. A sala de aula degradou para um quarto sem telhado (uma espécie de pátio) e entregue às águas da chuva. Apenas as janelas de madeira originais sobraram como testemunhas das aulas de alfabetização nos anos 60 e 70.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi mostrar, através de vários exemplos reais, que a memória não é apenas um mero mecanismo de copiar e armazenar informações na nossa cabeça, mas também é um recurso de recuperar informações e combiná-las de uma maneira a formar pensamentos novos (FENTRESS; WICKHAM, 1994, p.29). A preocupação principal deste texto foram questões metodológicas acerca do uso de mapas para pesquisas sobre memória, tendo como intuito encorajar cientistas a usar mapas onde mapas forem necessários (MONMONIER, 1993, p.18).

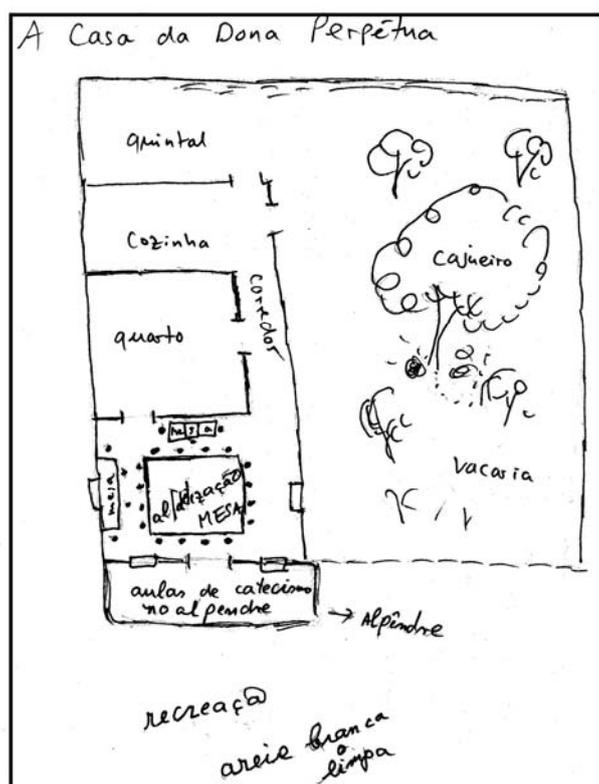


Figura 3 - Croqui do terreno da casa feito pela alfabetizadora.

As sugestões dadas nestas reflexões apenas representam um recorte das possibilidades de trabalhar com o espaço. Outros assuntos mais polêmicos e igualmente emergentes são as questões sobre o uso e abuso da representação do passado. Os homens usam, escolhem, negam, refazem ou inventam o espaço do passado conforme as suas necessidades e intenções. Queiramos ou não, como observa Lowenthal (1975, p.5), precisamos do passado, em qualquer caso, para enfrentar as paisagens do presente. Percebemos seletivamente o que estamos acostumados a ver. Fenômenos e estruturas na paisagem nos dão sentido porque compartilhamos uma história com eles. Cada objeto, cada agrupamento, cada olhar é inteligível, em parte porque já estamos familiarizados com ele, através do nosso próprio passado e através de contos ouvidos, livros lidos, gravuras vistas. Vemos as coisas simultaneamente como elas são e como as vimos antes; a experiência prévia cobre a percepção do presente.

A reconstrução do passado através de referências espaciais, como fotografias e mapas, e pela reambulação (a verificação e identificação de detalhes e informações previamente mapeados) pode trazer à luz do dia lembranças, reminiscências e saudades que uma entrevista convencional na casa das pessoas não consegue revelar. A memória não é um conjunto de fatos, mas um processo, cuja compreensão acontece pelo movimento e pela ação, e “as lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas” (BACHELARD, 1978, p.203).

Afinal de contas, memória e espaço são indissociáveis: a memória produz o espaço, mas o espaço também produz a memória. Ainda falta muito para desvendar todas as facetas espaciais da memória, pois “a memória reflete a vida mais como uma estrada, com ocasionais placas de indicação e marcos de quilometragem, do que como uma paisagem pela qual essa estrada passou” (SCHACHTEL, 1959, p.287).

AGRADECIMENTOS

Devo meus profundos agradecimentos a Vera Lúcia Miranda, a alfabetizadora do Morro do Teixeira, cuja luta pelo não esquecimento da memória do Mucuripe serviu como combustível para este artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: BACHELARD, Gaston. **A Filosofia do Não; O novo espírito científico; A poética do espaço** (Série Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.181-354.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de; GONDAR, Jô (org.). **Memória e espaço: Trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17-33.
- COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DEVINE-WRIGHT, Patrick; LYONS, Evanthia. Remembering pasts and representing places: the construction of national identities in Ireland. **Journal of Environmental Psychology**, v.17, n.1, p.33-45, 1997
- DIOGENES, Gloria. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: AnnaBlume, 1998.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: Novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1994.
- FERREIRA, Brasília Carlos. Memória, tempo, narrativas. **Política e Trabalho**, v.12, p.126-138, 1996.
- GERALDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de. **Cartografias do trabalho docente. Professor(a) – pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.
- HARLEY, J.B. The map as biography: thoughts on Ordnance Survey Map, Six-inch Sheet Devonshire CIX, SE, Newton Abbot. **The Map Collector**, v.41, p.18-20, 1987.
- LINS, Jomário da Fonseca. Geografia, memória e história oral: possibilidades/necessidades de um intenso diálogo. **Revista Paraibana de Geografia**. João Pessoa, v.2, n.1, p.67-82, 2000.
- LOWENTHAL, David. Past time, present place: landscape and memory. **Geographical Review**, v.65, n.1, p.1-35, 1975.
- LUFT, Pedro. **Mini-dicionário Luft**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- MONMONIER, Mark. **Mapping it out. Expository cartography for the humanities and social sciences**. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1993.
- MUEHRCKE, Phillip; MUEHRCKE, Juliana O. Maps in literature. **Geographical Review**, v.64, n.3, p.319-338, 1974.
- PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória**. Cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: UNICAMP, 1999.
- PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1950.

- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, Rosselvelt José. A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado mineiro. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro J.P. (org). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p.133-158.
- SCHACHTEL, Ernest G. **Metamorphosis: on the development of affect, perception, attention, and memory**. Nova York: Basic Books, 1959.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SEEMANN, Jörn. Memória, espaço e história da educação: Relato de uma educadora sobre alfabetização no Morro do Teixeira (1964-1973). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (org.). **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002, p.217-229.
- SEEMANN, Jörn. A análise da toponímia como dimensão histórica na Geografia Cultural. In: **Historical Dimensions of the relationship between space and culture**, 2003. Rio de Janeiro. International Geographical Union Commission on the Cultural Approach in Geography. Rio de Janeiro Conference, 10-12 June 2003. (CD-ROM).
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do passado. História oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- WERLEN, Benno. Gibt es eine Geographie ohne Raum? **Erdkunde**, v.47, n.4, p.241-255, 1993.